



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://coloquio.gulbenkian.pt>

«Depois, o Honorato, que é o dono da editora ...» [Excerto de Por Outras Palavras]

Paulo Castilho

Para citar este documento / To cite this document:

Paulo Castilho, "«Depois, o Honorato, que é o dono da editora ...» [Excerto de Por Outras Palavras]", *Colóquio/Letras*, n.º 161/162, Jul. 2002, p. 221-222.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

DEPOIS, o Honorato, que é o dono da editora onde eu trabalho e também editor do Falcão, decidiu que tinha de se ressarcir do prejuízo de não ter havido um novo livro do Falcão. O grande prosador — como agora lhe chama. Não há prosa, então há fotografias. Está a pedir. O Falcão concordou logo. Boa publicidade e não lhe dava trabalho nenhum. O Honorato propôs a medo que fosse eu a fazer a fotobiografia. Receava que o Falcão exigisse uma criatura literária a sério e não um desgraçado dum escriba muito conhecido em sua casa. Mas o Falcão optou pelo desgraçado do escriba. Por nenhum motivo que me dê satisfação. Achou apenas que eu faria o que ele quisesse. E era verdade. Não sabes dizer que não — disse a Rita — estavas bem arranjado se fosses mulher. O meu problema é que tenho pena do Falcão. Vive num universo frágil de mitos e ilusões que ele próprio criou. Tanto sucesso e é um infeliz.

Para meu espanto, a fotobiografia foi um êxito. Agora, apesar de eu ter já antes publicado um romance, puseram-me o carimbo de biógrafo. Ou, em momentos menos caridosos: aquele tipo que compilou o livro das fotografias do Falcão, como é que ele se chama? O pior é que o Honorato se convenceu de que os livros ilustrados é que rendem. Sem se lembrar que o êxito do livro se deveu ao nome do biografado. As fotografias eram menores. Menor ainda era o meu texto. Em qualidade e em tamanho. Tenho, de resto, a profunda esperança de que ninguém repare que lá está um texto. Não é para ler texto que se compra um livro tão pesado e incómodo que devia ser vendido juntamente com uma grua. O Falcão é que leu tudo e de certeza mais do que uma vez. Depois, tirou-se dos seus cuidados e telefonou-me: muito interessante a ideia, alegre-me que o nosso amigo Honorato

possa continuar a viver à minha custa (disse o nosso prosador depois de ter descontado o cheque) e gostei também de ler o texto. Gostou de ler. Disse várias vezes. Gostar de ler o texto não é o mesmo do que gostar do texto. E prometeu que ia mandar-me umas sugestões para enriquecer a segunda edição.

O problema é que a fotobiografia do Falcão — queixava-se o Honorato — vai fazer o seu terceiro Natal. Preciso de sangue fresco. Você não me falou uma vez duma cantora Margarida Mendes que morreu no ano passado? Sabia do testamento e do museu que iam fazer na casa de Sintra com as coisas que ela tinha coleccionado, desde o alegado lenço vermelho do Bobby McGee a quadros do Bacon. Um cocktail anos 60 e 70. A coisa tinha sido provisoriamente baptizada com o nome algo rebarbativo de «Até a Música Morrer».

Já reparou que essa gente está agora no auge do seu poder de compra? — disse o Honorato. Mais uns anos e vão todos para a reforma. É agora ou nunca para essa tralha pop e afins. E sai muito bem a cores. Apontamos para 2003. Este Natal ainda tenho Falcão para despachar. Sabe como é no Natal. Dia 24. O Zé que nem uma barata tonta pelos corredores das Amoreiras. O Natal é em casa da tia Lurdes e o Zé varreu-se-lhe da memória que tinha de comprar prenda para o Joca. Entra na livraria. Olha para a banca grande no meio, cheia de livros de aspecto caro, e o que é que ele encontra? Lisboa desaparecida, azulejaria, doçaria conventual, solares portugueses. O Zé desesperado. Já ofereceu alguns daqueles livros em Natais anteriores. Mas quais? De repente, eureka, dá com o nosso livro. Repara porque é diferente dos outros. Mas tem bom aspecto e custa uma fortuna. E dá para todas as idades. Para o Joca pai e para o Joca filho. Sério e lúdico ao mesmo tempo. Olhe, incluímos um CD. O Joca pai diz para o Joca filho: onde é que vocês têm música como esta hoje em dia? O Joca filho diz para o Joca pai: como é que vocês tocavam música sem electricidade? E o Joca pai fica irritado, mas pensa que ao menos o Joca filho tem sentido de humor. Só que o Joca filho não tem nenhum sentido de humor e sabe perfeitamente que nos anos 60 éramos um país muito atrasado e o Salazar mandou os portugueses todos para África de forma que não havia quase ninguém em Portugal e muito menos electricidade.